

de ANTERO DE QUENTAL

meditação sôbre a vida de Antero

DE CARVALHO

Filósofo, como aquêlo que havia de ser o mais representativo exemplar de um século extravagante e a nossa maior figura literária depois do autor dos *Lusiadas*.

São cheias de viva admiração e amizade estas palavras que Oliveira Martins escreveu no Prefácio que fez para os *Sonetos Completos* do Maior Açoriano: «Eu não conheço fisionomia mais difícil de desenhar, porque nunca vi natureza mais complexamente bem dotada. Se fôsse possível desdobrar um homem, como quem desdobra os fios de um cabo, Antero de Quental dava alma para uma família inteira».

Por seu turno escreve Alberto Sampaio: «os actos e factos do poeta devem contar-se em voz alta: a sua vida não carece de ser favorecida; pelo contrário, continuamente inspirada pelos mais nobres sentimentos, ela servirá de exemplo, como uma sociedade no mais fundo grau de abatimento pôde produzir um sublime cultor do ideal, uma destas figuras morais superiores que serão sempre a glória da humanidade».

As palavras acima transcritas traduzem a verdade. Absolutamente!

Todos os seus amigos e admiradores assim dizem do altíssimo Poeta, da sua vida simples e afectiva, do seu viver todo interior, todo subjectivo, todo espiritual!

Eis porque devemos meditar na sua Vida de peregrino e de levita, lendo a sua obra de prosa e de verso, e seguindo a sua conduta moral,—a luminosa esteira que êle traçou na areia movediça do nosso Deserto, a fonte cristalina da Virtude que êle nos deu a beber nas intermináveis encruzilhadas da nossa Vida!...

... ..

Confessemos lealmente:

Não conseguimos nada escrever sôbre a vida real e verdadeira de Antero de Quental. Impossível!

Podemos, para Antero, empregar as mesmas palavras, que Stefan Zweig redigiu a propósito de Dostoïewski. Servimo-nos da tradução francesa de Henri Bloch: «L'envergure et la puissance de son individualité échappent à tout procédé actuel d'appréciation».

A N T O L O G I A

Solidariedade dos Escóis

II

Selecionei em obras recentes alguns textos onde se nos deparam sinais inda mais claros desta nova concepção.

O meu primeiro texto não cabe a êstes últimos anos como os demais, pois vem de 31 de Agosto de 1833, mas dou-o em complemento dalguns versos dum poeta americano,—G.-D. Roberts,—versos recentes, que descobro à cabeça do seu volume: *Cantos de todos os dias*:

Através do nevoeiro paira a lua bela,
Embebida numa cor espectral de ametista,
O' alva noite, fascinas até ao assombro
Os rudes bichos na bruma!

Teu contacto, ó grave misteriarca,
Divulga as brutas coisas familiares,
Ah! permite que da tua graça reveladora
Uma humilde parcela seja minha!

Torna a minha visão clara e sã,
Que eu possa ver essa beleza que distingue
As formas comuns e penetrar a alma
Das coisas que ninguém olha!

E agora eis o texto de Emerson ao qual estes versos logicamente me reportam:

«A literatura do pobre, as sensações do menino, a filosofia da rua, o significado da vida quotidiana são os temas da nossa época. Eis um grande passo. E' prognóstico, não é verdade? duma nova ener-

gia, as extremidades fazem-se activas, as torrentes da vida fluem nas mãos e nos pés. Eu não exijo o que é grande, romântico, longínquo; o que é feito na Itália ou na Arábia; a arte grêga ou o menestrel provençal, abraço o que é comum, exploro e procuro o familiar, o baixo. Dai-me a conhecer o presente, e poderei ter os mundos antigos e futuros. Que é portanto o que desejariamos compreender na verdade? A farinha no quartão; o leite na terrina; a canção na rua; as novas do barco; o relâmpago do olhar; a forma e o movimento do corpo—mostrai-me a razão última destas coisas, mostrai-me a presença sublime da causa espiritual que se oculta, como sempre, nestes arredores e nestes extremos da natureza; que eu veja cada ninharía encrespar-se com a polaridade que a coloca instantaneamente sob uma lei eterna; o cinzel, a charrua e o registo, referidos à mesma causa que faz ondular a luz e o poeta cantar:—e o mundo já não é perpétuamente uma grosseira mistura, uma câmara de entulho, mas possui a forma e a ordem; não há ninharías; não há enigmas; um só destino anima e liga a cumieira mais longínqua e o fôssco mais profundo.»

Não sentis que está aqui, como eu sinto, a expressão dum dos sentimentos mais modernos e profundos dum universo que se dilata imoderadamente? A nobreza e o es-

plendor emfim outorgados às «formas comuns» e às «coisas que ninguém olha!» A justiça selando finalmente o seu mais íntimo acôrdo com a realidade, ou antes, a realidade ampliando-se até fazer entrar no círculo da beleza universal, outrora angusto e arbitrário, as mais humildes, as mais quotidianas flores da nossa existência e da existência do mundo! A beleza não mais localizada nas coisas superiores, confinada nos pináculos, mas cintilando através das mais rudes formas e das mais simples criaturas! Fôlhas e flores, caule e raiz, a planta completa, humana ou vegetal, participando da mesma beleza, isto é da mesma vida; não será, culdo eu, centuplicar a beleza da própria flor, o senti-la unida à beleza da raiz, ao incalculável esplendor dos menores folíolos?

Nós só admitimos a beleza total e vital. Admirar em silêncio e de joelhos uma obra de arte, e simultaneamente desprezar o mais simples facto da vida real, afigura-se-nos odiosa herança de séculos sem estética genuína e profunda. Sublimar-se e elevar-se, é reconhecer uma beleza cada vez mais copiosa, é aderir à beleza onde quer que se encontre, ou seja na verdade por toda a parte. Sublimar-se, não é *isolar-se* perante o esplendor duma criação do cérebro, é *aderir* ao esplendor de tudo o que existe pelo sentimento da beleza integral de todas as suas formas. Numa palavra

em tudo há beleza; só faltam olhos que a vejam.

Mas ouçamos estoutro confirmação; vai dar-no-la o texto seguinte, assinado por Camille Chaigneau:

«...Quanto a mim, sinto que a minha vitalidade explue do seio de todas as minhas existências. E ali vejo de novo aquêles fragmentos do instinto, não em mesta agonia, mas sim vivificando-se com alegria e glória na fecundidade dos paroxismos,—fecundidade material, porque o mundo ali se provê para a sua ascensão,—fecundidade moral, porque das suas primárias e materiais manifestações aí se levanta a minh'alma pouco a pouco para as transfigurações cada vez mais belas do Amor. Glória ao instinto, que é o pas-cigo do sentimento! Glória ao sentimento, que é a porta dolorada do mais ideal conhecimento!

«Eu não venho do céu que lança à terra um olhar de compaixão. Venho das entranhas da terra que, por todos os seus surtos primaveris, atira olhares sófregos ao céu,—àquele céu que eu dilatarei, que eu enriquecerei com todo o meu incremento, quando o meu instinto sublimado aí vazzar o triunfo dos seus eflúvios...»

Não representam estas calorosas expressões a defesa daquele novo sentimento que nos diz que não há na natureza e na criatura, nem quebra, nem oposição, nem sepa-

(Continua na página imediata)